

**“I LOVE MY HUSBAND”: UMA DECLARAÇÃO DESCONCERTANTE**  
**“I LOVE MY HUSBAND”: A BAFFLING ASSERTION**

Dileane Fagundes Oliveira<sup>1</sup>  
Anselmo Peres Alós<sup>2</sup>

**RESUMO:** este trabalho pretende analisar o conto “I love my husband”, de autoria de Nélide Piñon, uma das mais importantes escritoras brasileiras. Nossa intenção aqui é discutir as maneiras através das quais a escritora questiona estereótipos de gênero em sua enunciação literária, utilizando-se da ironia como uma poderosa arma retórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nélide Piñon – crítica literária feminista – gênero – ironia.

**ABSTRACT:** This paper aims at analyzing the short-story “I love my husband”, written by Nélide Piñon, one of the most important Brazilian woman writers. Our intention here is to discuss the ways that the writer put into the question stereotypes of gender into her literary utterance, using irony as a powerful rhetoric weapon.

**KEYWORDS:** Nélide Piñon – feminist literary criticism – gender – irony.

## INTRODUÇÃO

Quando nos referimos à mulher e ao feminino, estamos, sobretudo, apontando para seu coletivo múltiplo, e não para uma pressuposta *essência* de mulher, cuja compreensão, não raras vezes, guia para as mais tendenciosas e nefastas construções do feminino da tradição patriarcal e androcêntrica. Portanto, pensamos esses termos sempre em movimento e em constante reconstrução. Partimos de uma compreensão da impossibilidade de qualquer definição de “feminilidade essencial” que se mantenha presa às armadilhas das interpretações biológicas e funcionalistas da cultura, as quais, tradicionalmente, limitam as mulheres a serem *o outro* do homem, conforme já asseverava Beauvoir em seu livro *O segundo sexo* (publicado pela primeira vez, em francês, em 1949).

Pensar as representações do feminino leva-nos a questões caras aos estudos de gênero, pois compreender por que algumas representações ganharam *status* de verdade (enquanto outras são silenciadas) implica questionar os efeitos das relações de poder que envolvem a constituição da identidade, do sexo e do gênero, uma vez que é a partir da construção social desses que se constituem as representações sociais do sujeito feminino. É possível alinhar tal posicionamento à proposição de Butler (2015), ao sugerir que, em vez de procurarmos as origens do gênero,

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras/Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora da Secretaria Estadual de Ensino do Rio Grande Do Sul. E-mail: [dileanf@yahoo.com.br](mailto:dileanf@yahoo.com.br) <http://lattes.cnpq.br/5507504136581028>

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: [anselmoperosalos@gmail.com](mailto:anselmoperosalos@gmail.com) <http://lattes.cnpq.br/4335387854670599>

devemos investigar os efeitos de instituições, práticas e discursos, cujos pontos de origem são múltiplos e difusos.

Por meio da articulação de uma prosa sempre esquiva a um padrão de linguagem familiar, a escritora brasileira Nélide Piñon surpreende ao apresentar ideias, descrições e ações que rompem com a linearidade narrativa, tornando a interpretação uma busca que se mostra sempre imprevisível e inquietante. Por meio dessa linguagem extremamente elaborada, simbólica, poética, muitas vezes até enigmática, Nélide Piñon seduz o leitor, para enredá-lo nas fascinantes histórias de suas personagens. A poética de Piñon sempre mostrou uma prosa avessa ao domínio da linguagem canônica, uma audácia que ocorria visto ser imperativa a busca da transcendência narrativa, a certeza de não haver limite para a invenção (Piñon, 2008).

No conto “I love my husband”, percebe-se o intenso empenho de Piñon na realização de seu projeto literário – uma escrita permeada por um teor crítico e subversivo, alicerçada muitas vezes no uso da ironia. A leitura do conto permite visualizar alguns aspectos das relações de gênero e das práticas sociais que interferem nas representações femininas criadas pela autora. A autora coloca em evidência a complexa rede que envolve o sentimento de inadequação das mulheres criadas dentro de uma ideologia que lhes destinava um único papel a ser seguido. O ideal de mulher a que a protagonista do conto “I love my husband” sente-se subjugada está totalmente inserido nas necessidades da sociedade patriarcal, que reserva aos sujeitos femininos a dedicação exclusiva ao universo privado como lugar da passividade e invisibilidade, uma vez que tal narrativa gira em torno da relação conjugal e das percepções sociais.

Ao longo da análise desse conto, é possível observar discurso patriarcal em diferentes instâncias e configurações sociais às quais a personagem feminina está atrelada. É possível perceber, nos valores internalizados pela protagonista, as marcas de gênero que interferem profundamente em suas formas de viver, uma vez que são moldadas pelas redes de poder da cultura. Ao colocar esses discursos na fala interior da personagem, cremos que a voz narrativa pretende mostrar que os sujeitos femininos foram submetidos, como parte de um construto social, a uma série de ensinamentos e de práticas sociais regulatórias.

## **O DESNUDAMENTO DA ASSIMETRIA CONJUGAL**

O conto “I love my husband”, inserido nos livros *O calor das coisas* (publicado pela primeira vez em 1980) e *Cortejo do divino e outros contos escolhidos* (2007), foi publicado em um período do movimento feminista pós-ditadura, momento inquietante, de comoção, de luta e debate por mudanças no país. Por esse motivo, a narrativa mantém um diálogo com o contexto

de militância. Piñon apresenta, claramente, a partir do olhar da narradora, um modelo de constituição familiar alicerçado na tradição patriarcal; mediante um discurso impregnado de ironia e metáforas, próprias de sua escrita, a autora exhibe os desconfortos de uma identidade feminina forjada no sistema patriarcal.

Ainda que o título “I love my husband” consiga desnortear o leitor e levá-lo a imaginar um enredo centrado na declaração de amor de uma esposa para o marido, a declaração feita pela personagem/narradora é um questionamento ao poder normativo do casamento, à pernicioso construção binária de gênero, aos discursos complacentes com o patriarcado que tendem a distorcer a imagem da mulher em prol de uma imagem submissa relegada à invisibilidade. O título, escrito em inglês, denota a presença de uma cultura dominante<sup>3</sup> impondo um padrão comportamental, uma língua<sup>4</sup> que é estrangeira à personagem, mas que esta foi obrigada a aprender ao longo de sua vida. Evidenciamos tal posicionamento quando a protagonista diz:

Ah, quando me sinto guerreira, prestes a tomar das armas e ganhar um rosto que não é o meu, mergulho numa exaltação dourada, caminho pelas ruas sem endereço, como se a partir de mim, e através do meu esforço, eu devesse conquistar outra pátria, nova língua, um corpo que sugasse a vida sem pudor (Piñon, 2007, p. 154).

O título do conto também se refere à banalização do sentimento amoroso, uma vez que a esposa do conto reitera, inúmeras vezes, um sentimento que ela não sente pelo esposo. Há sempre um tom de sarcasmo quando ela declara seu amor. A narrativa inicia com a declaração da personagem/narradora: “Eu amo meu marido. De manhã à noite” (Piñon, 2007, p. 145), que interpretamos como uma ironia<sup>5</sup>, pois tal afirmativa é desconstruída e negada no decorrer da narrativa. A partir de tal afirmação, ela passa a discorrer sobre as atividades domésticas executadas diariamente, sempre ligadas ao bem-estar do marido. Com a perspicácia da escrita de Piñon, esse ambiente vai sendo explorado, e os pequenos detalhes da vida cotidiana conjugal são apresentados. Em um primeiro momento, parece haver, na voz da esposa, uma intenção implícita de convencer o leitor do amor que sente pelo marido e da complacência com esse acordo conjugal; entretanto, algumas palavras denunciam a contrariedade desse sentimento.

<sup>3</sup> No conto, a cultura dominante é a patriarcal.

<sup>4</sup> A língua estrangeira, neste caso, é a língua regulada pelo sujeito masculino que detém o poder.

<sup>5</sup> Beth Brait, no livro *Ironia em perspectiva polifônica* (2008), diz que a ironia é um procedimento intertextual, interdiscursivo, um processo de meta-referencialização de estruturação do fragmentário que, como organização de recursos significantes, pode provocar efeitos de sentido como a dessacralização do discurso oficial ou desmascaramento de uma pretensa objetividade em discursos tidos como neutros: “em outras palavras, a ironia será considerada como estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia, ainda que essa polifonia não signifique necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou sacralizados” (Brait, 2008, p. 16).

Logo após a afirmação “eu amo meu marido”, a narradora-personagem revela como é estruturado o relacionamento entre ela e o marido:

Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes, antes que o café esfrie. Ele grunhe com raiva e eu vocifero com aflição. Não quero meu esforço confundido com um líquido frio que ele tragará como me traga duas vezes por semana, especialmente no sábado (Piñon, 2007, p. 145).

A leitura do parágrafo apresenta um confronto entre a afirmação presente na primeira oração e a continuidade do parágrafo, pois fica evidente a insatisfação da protagonista. A escolha das palavras ‘grunhe’ e ‘vocifera’ denuncia um relacionamento desgastado; pois não há mais nem diálogo entre o casal. A personagem-narradora, ao expor o seu esforço em exercer suas tarefas, revela a intimidade do casal. Assim, o uso do verbo ‘tragar’, presente na comparação entre um café frio e a relação sexual, sugere a maneira como o homem possui essa mulher, sem interesse, apenas por uma obrigação rotineira na vida do casal. A ambiguidade da expressão ‘líquido frio’ não deixa dúvidas de que o café frio refere-se à frieza do casamento e a um amor que não existe mais.

A relação entre o casal é pautada por uma espécie de acordo conjugal. A narradora argumenta que suas ações diariamente praticadas, no âmbito do lar, contribuem para o ‘sucesso da vida exterior’ do marido, como a prática diária do preparo do café, o ajuste de sua gravata (apesar dos protestos), o sorriso para animá-lo a enfrentar ‘a vida lá fora’, a resignação diante das acusações de ser exigente e de consumir o dinheiro que ele conquista, e o orgulho de ser responsável pela alimentação de um homem que faz o país progredir:

Ele diz que sou exigente, fico em casa lavando a louça, fazendo compras, e por cima reclamo da vida. Enquanto ele constrói o seu mundo com pequenos tijolos, e ainda que alguns destes muros venham ao chão, os amigos o cumprimentam pelo esforço de criar olarias de barro, todas sólidas e visíveis (Piñon, 2007, p. 145).

Os papéis sociais alicerçados pelo binarismo de gênero ficam evidentes na separação entre o lar – ambiente de invisibilidade do trabalho da mulher – e o espaço exterior – ambiente no qual o homem constrói o mundo e, portanto, seu trabalho, com o qual ganha visibilidade e admiração dos seus amigos. O esposo não compreende as exigências da mulher, pois, para ele, a esposa deve cumprir a função de boa dona de casa. A mulher reclama que também não recebe cumprimentos por cuidar dos objetos comprados com o esforço comum, pois seu trabalho só é valorizado por estar a serviço do esposo. Deste modo, saúdam-na por alimentar o homem que

faz o ‘país progredir’ – uma ironia hiperbólica, pois a importância do marido é notadamente multiplicada.

A compreensão do papel feminino presente no conto faz-nos lembrar a afirmação de Simone de Beauvoir, quando discute a questão da mulher:

No mundo humano, a mulher transpõe as funções da fêmea animal, ela alimenta a vida, reina sobre as regiões da imanência; o calor e a intimidade da matriz, ela os transporta para o lar; ela é quem guarda e anima a casa em que se deteve o passado, em que se prefigura o futuro; ela engendra a geração futura e alimenta os filhos já nascidos; graças a ela, a existência, que o homem depende pelo mundo no trabalho e na ação, concentra-se retornando à imanência: quando à noite ele volta para casa, ei-lo ancorado à terra; pela mulher, a continuidade dos dias é assegurada; quaisquer que sejam os acasos que enfrente no mundo exterior, ela garante a repetição das refeições, do sono; ela conserta tudo o que a atividade destrói ou desgasta; ela prepara os alimentos do trabalhador cansado, dele trata se está doente, cerze, lava. E no universo conjugal que constitui e perpetua, ela introduz todo o vasto mundo: acende o fogo, enche a casa de flores, domestica os eflúvios do sol, da água, da terra (Beauvoir, 2009, p. 253).

Apesar do empenho da protagonista em mostrar a importância de suas atividades, fica aparente a ironia que permeia sua enunciação quando ressalta que, embora o marido não reconheça, há muito do esforço dela também na aquisição dos objetos da casa. Dessa forma, ela põe em evidência o desconforto em viver atrelada ao ambiente doméstico, enquanto ao marido é dado o direito de construir uma vida externa, de sucesso e de visibilidade. Conforme a estrutura familiar vigente aos preceitos patriarcais, ao homem cabe o dever de sustento do lar e a posição de autoridade máxima no âmbito familiar, onde é também visto como aquele capaz de lutar por um lugar no mundo externo, enquanto à mulher é reservado apenas o espaço doméstico. De certa forma, pode-se relacionar isso com o que já apontava Gilberto Freyre (2003) acerca das normas dessa sociedade, muitas décadas atrás, ao mostrar que: “o padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dá também ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas” (Freyre, 2003, p. 208).

A personagem/narradora ainda confessa que é a sombra do marido, ainda que ele não a cumprimente pelo seu trabalho; ao contrário, julga-a por gastar o dinheiro que ele, com esforço, conquista. Então, ela pede que o marido compreenda a sua nostalgia por uma terra antigamente trabalhada pela mulher, o que ele recebe com o rosto franzido, como se ela estivesse propondo uma teoria que envergonhasse a família e a escritura do apartamento. Desse modo, observamos que o vínculo que mantém a mulher presa a esse matrimônio é de ordem econômica. Para o esposo, provedor do lar, a união e o amor se resumem no casamento em comunhão de bens, e as inquietações da mulher são compreendidas como futilidades frente ao seu projeto de

prosperidade. A pergunta do marido elucidada este pensamento: “o que mais quer mulher, não lhe basta termos casado em comunhão de bens?” (PINON, 2007, p. 146). Na sequência, a personagem/narradora conclui: “e, dizendo que eu era *parte* do seu futuro, que só ele tinha o direito de construir, percebi que a *generosidade* do homem *habilitava-me* a ser apenas *dona* de um passado com regras ditadas no convívio comum” (PINON, 2007, p. 146 – grifos nossos). A cortante ironia configurada pelo jogo das palavras destacadas põe em evidência o desconforto da narradora perante essa relação de dependência às regras impostas pelo sistema matrimonial burguês.

Beauvoir (2009), ao referir-se a um dos motivos da submissão feminina, entende que essa relação se dá pelo fato de que recusar ser o outro, *i. e.*, recusar a cumplicidade com o homem seria, para as mulheres, renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode lhes conferir. O homem protegerá materialmente a mulher e encarregar-se-á de lhe justificar a existência; com o risco econômico, ela se esquivava do risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. A autora ainda acrescenta:

Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de constituir em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência automaticamente assumida (Beauvoir, 2009, p. 22).

Esse posicionamento revela a cumplicidade da mulher mesmo que o homem a coloque em uma posição de Outro. Desse modo, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto e percebe o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele. Nélida problematiza os laços por meio da fala da narradora que se coloca como cúmplice do esposo, em função da dependência financeira.

Ao referir-se ao amor pelo marido, percebemos que esse sentimento é representado em sua servidão e reiterado pelo discurso do outro, pois a narradora passa a declará-lo, sugerindo que os outros dizem o que ela sente: “a mim também me saúdam por alimentar um homem que sonha com casas-grandes, senzalas e mocambos, e assim faz o país progredir. E por isso que sou a sombra do homem que todos dizem eu amar” (Piñon, 2007, p. 146). Para falar de si mesma, a esposa recorre a um discurso do senso comum. Dessa forma, o tom irônico e a ambiguidade sugerem a reprodução do discurso da ideologia vigente e não do verdadeiro sentimento. A personagem dá indícios de inconformismo, mas a interiorização dos valores cristalizados pelo poder hegemônico não permite que ela subverta a lógica que a colocou em

um papel submisso, de sombra do marido. É notório que, em alguns momentos, a personagem parece representar uma coletividade, como se pode perceber no fragmento a seguir, em que, da primeira pessoa do singular, passa para a primeira pessoa do plural: “comecei a ambicionar que maravilha não seria viver apenas no passado, antes que este tempo pretérito nos tenha sido ditado pelo homem que *dizemos* amar” (PIÑON, 2007, p. 146 – grifos nossos). A referência ao pretérito e o uso da palavra ‘ditado’ enfatizam o desejo nostálgico de voltar ao passado livre do domínio do marido.

Entendemos que a situação de submissão da mulher é um fenômeno histórico, em que esta sofreu um processo de exclusão e diminuição de seu papel social. Elódia Xavier (1991) é mais uma voz crítica a sinalizar que, historicamente, a figura feminina foi sendo associada aos cuidados domésticos e familiares. Nessa perspectiva, a mulher torna-se inferior dentro da hierarquia familiar, sacrificando sua própria identidade. Dessa forma, a voz da personagem confirma a assimilação e a manutenção do sistema patriarcal vigente: “as palavras do homem são aquelas de que deverei precisar ao longo da vida. Não tenho que assimilar um vocabulário incompatível com o meu destino, capaz de arruinar meu casamento” (Piñon, 2007, p. 153). Essa fala revela a cumplicidade da mulher com o poder de dominação do marido.

Faz-se necessário ressaltar novamente a visão de Simone de Beauvoir, quando afirma que a mulher assumiu, ao longo dos tempos, o lugar do *outro*, da pura alteridade com valoração negativa, cuja identidade é determinada pelo homem. A estudiosa também entende que a dimensão humana é sempre paradoxal, já que “o homem que constitui a mulher como outro encontrara nela profundas cumplicidades” (Beauvoir, 2009, p. 22). Na mesma linha de pensamento, complementamos com a afirmação de Pierre Bourdieu, que chama a atenção para o que denomina de *paradoxo da doxa*, ou seja, o fato do dominado consentir com a dominação e com a permanência e aceitação da dominação, o que, em termos de dominação masculina, traduz-se em uma submissão paradoxal resultante da violência simbólica:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2005, p. 7-8).

Neste caso, a violência simbólica é a ordem social masculina, que encontra sua força na falsa neutralidade a que se atribui e na legitimidade proposta a si mesma. Essa ordem se estabelece como se a divisão dos sexos fizesse parte da ordem das coisas, natural e inevitável.

A consciência dessa violência desencadeia na personagem um embate entre a vontade de transgredir, de tornar-se sujeito de sua emancipação, e o poder opressivo e limitador do modelo patriarcal; embate esse que pode ser inferido no momento em que a protagonista se percebe como propriedade do marido:

E mulher tem que ser só minha e nem mesmo dela. A ideia de que eu não podia pertencer-me, tocar no meu sexo para expurgar-lhe os excessos, provocou-me o primeiro sobressalto na fantasia do passado em que até então estivera imersa. Então o homem, além de me haver naufragado no passado, quando se sentia livre para viver a vida a que ele apenas tinha acesso, precisava também atar minhas mãos, para minhas mãos não sentirem a doçura da própria pele, pois talvez esta doçura me ditasse em voz baixa que havia outras peles igualmente doces e privadas, cobertas de pelo felpudo, e com a ajuda da língua podia lambe-se o seu sal? (Piñon, 2007, p. 147).

A consciência de ter a sexualidade negada leva a protagonista a uma crise interior, pois ela pode suportar inúmeros gestos de submissão em função de sua condição de dependente econômica do marido, mas aceitar que não era dona sequer de seu corpo torna-se incompreensível para a narradora. É importante assinalar a postura questionadora que a personagem assume nos momentos de rebeldia. Muito representativa neste momento é a imagem metafórica construída e a pergunta que se faz: *o que é ser mulher?*

Olhei meus dedos revoltada com unhas de tigre que reforçavam a minha identidade, grunhiam quanto à verdade do meu sexo. Alisei meu corpo, e pensei, acaso sou mulher unicamente pelas garras longas e por revesti-las de ouro, prata, do ímpeto do sangue de um animal abatido no bosque? Ou porque o homem adorna-me de modo a que quando tire estas tintas de guerreira do rosto surpreende-se com uma face que lhe é estranha, que ele cobriu de mistério para não me ter inteira? (Piñon, 2007, p. 148).

Nesse excerto, Piñon, através da voz narrativa, traz à baila uma discussão que Simone de Beauvoir, em 1949, já havia lançado por meio da pergunta *o que é ser mulher?* Questionamento que muitas mulheres, devido ao contexto social em que viviam, não puderam se fazer, e que, por muito tempo, foi alvo de inúmeras concepções masculinas que as definiam segundo os preceitos patriarcais. Porém, nesse conto, quando a protagonista enuncia a pergunta, o intuito é de desconstruir imagens tidas como características do feminino. A autora não só desconstrói o mito do mistério feminino como também constrói, por meio de metáforas, outros sentidos do feminino.

A narradora, como que ainda tentando convencer-se de seu amor pelo marido, pergunta-lhe: “não é verdade que te amo, marido?” (Piñon, 2007, p. 148). O marido, incomodado com a pergunta, que atrapalha a leitura do jornal, responde que não pode discutir o amor quando se discutem as alternativas econômicas do país em que os homens, para sustentarem as mulheres,

precisam se desdobrar em um trabalho de escravo. Em contrapartida, a esposa responde que o amor que ele não quer discutir pode nem estar ali e menciona a palavra ‘futuro’. Pela primeira vez, há um questionamento, por meio da enunciação da palavra *futuro*, desestabilizando a autoridade do marido, que pensa ser o único capaz de projetar o futuro. A seguir, por meio da construção imaginária e metafórica, a narradora proclama sua liberdade e seu desejo:

[...] não queria feri-lo, mas já não mais desistia de uma aventura africana recém-iniciada naquele momento. Seguida por um cortejo untado de suor e ansiedade, eu abatia os javalis, mergulhava meus caninos em suas jugulares aquecidas enquanto Clark Gable, atraído pelo meu cheiro e do animal em convulsão, ia pedindo de joelhos o meu amor. Sôfrega pelo esforço, eu sorvia água do rio, quem sabe em busca da febre que estava em minhas entranhas e eu não sabia como despertar. A pele ardente, o delírio, e as palavras que manchavam os meus lábios pela primeira vez, eu ruborizada de prazer e pudor, enquanto o pajé salvava-me a vida com seu ritual e seus pelos fartos no peito. Com a saúde nos dedos, da minha boca parecia sair o sopro da vida e eu deixava então o Clark Gable amarrado numa árvore, lentamente comido pelas formigas. Imitando a Nayoka, eu descia o rio que quase me assaltara as forças, evitando as quedas d’água, aos gritos proclamando liberdade, a mais antiga e miríade das heranças (Piñon, 2007, p. 149).

Esse devaneio remete aos filmes hollywoodianos que primam pela exploração da fantasia e do romantismo. Assim, a personagem incorpora a valente heroína Nayoka em seu desprezo pelo amor de Clark Gable que, atraído por seu cheiro, implora de joelhos por seu amor; ela o abandona amarrado a uma árvore para ser comido por formigas, enquanto corajosamente segue o fluxo do rio, bradando por liberdade. A sexualidade socialmente reprimida é expressa no nível da fantasia erótica que se manifesta pela liberdade da personagem em sentir, pela primeira vez, as reações libidinosas de seu corpo. A rejeição ao amor de Clark Gable, ator estadunidense de muito sucesso no cinema, sugere mais uma vez a desconstrução do discurso do senso comum, ou seja, de uma ‘língua’ que não é a sua. Por alguns instantes, a linguagem simbólica e erótica permite à mulher reivindicar a sua liberdade. No devaneio, ela constrói um mundo inacessível ao marido e, principalmente, um mundo sem censuras, um mundo só seu.

Quando retorna à realidade, vê o jornal caído no chão e o marido com a palavra *futuro* a boiar nos olhos, e ele indaga o que significa o repúdio ao ninho de amor, segurança, tranquilidade e paz conjugal. A resposta sarcástica novamente questiona os estereótipos consagrados socialmente quando os apresenta de maneira invertida:

E você, marido, que a paz conjugal se deixa amarrar com fios tecidos pelo anzol, só porque mencionei esta palavra que te entristece, tanto que você começa a chorar discreto, porque o teu orgulho não te permite o pranto convulso, este, sim reservado à minha condição de mulher? Ah, marido, se tal palavra tem a descarga de te cegar, sacrifico-me outra vez para não ver-te sofrer. Será que apagando o futuro ainda há tempo de salvar-te? (Piñon, 2007, p. 150).

Nesse fragmento, a narradora mostra que o homem assume um comportamento atribuído à condição feminina, e, para que ele não ‘sofra’, ela se sacrifica mais uma vez. Porém, o tom sarcástico da pergunta que ela faz no final do parágrafo sugere que ela não está certa desse posicionamento. Não fica claro se ela apenas se questiona ou se faz a pergunta ao esposo, pois ambos logo retornam à tranquilidade rotineira. No entanto, o medo de transgredir as regras que lhe são impostas limita a personagem feminina, apontando para a prevalência das normas sociais em detrimento dos desejos da mulher. Após esse momento de revolta, dá-se o retorno da narradora para a realidade do casamento. Arrependida e envergonhada por ter perturbado a noite de quem merecia recuperar-se para a jornada seguinte, ela incorpora o papel de esposa resignada, em uma atitude de anulação de sua subjetividade em favor de uma imagem que lhe foi imposta desde o nascimento.

Como recompensa por sua resignação, o esposo a faz acreditar que ela pertence aos seus anseios de progresso; porém, a ironia que permeia tal discurso põe em descrédito a aceitação que a esposa quer demonstrar, ao afirmar que está feliz em participar de um ato que os faria progredir; que, sem o seu empenho, ele não teria sonhado tão alto, ou seja, encarregava-se à ‘distância’ da sua capacidade de sonhar e, por tal direito, pagava a vida com cheque que não se poderia contabilizar. Com essa última colocação, ela torna visível o preço da aceitação da imposição de uma identidade à sua revelia. O que se pode ler dessa afirmação é uma esposa descontente com o fardo que é viver em função da vida e dos sonhos do marido, pois o preço lhe é muito caro.

A protagonista/narradora prossegue, dizendo que ele não precisava agradecer, já que ela atingira a perfeição dos sentimentos, e que bastava ele continuar em sua companhia para querer significar que a amava. Ela, o fruto mais delicado da terra, uma árvore no centro do terreiro da sala; ele, então, subia na árvore, ganhava-lhe os frutos, acariciava a casca, podando seus excessos. A autora usa o mito da mulher associada à natureza e, ao colocar em evidência tal construção, já desconstrói essa representação. Ao rememorar os discursos familiares, a narradora percebe que, desde criança, seu destino fora preparar-se para desempenhar um papel atribuído *a priori* e que, portanto, ela nada mais fizera que o reproduzir e lhe dar continuidade. Na fala de seu pai, evidencia-se uma configuração de casamento que ressalta a posição de submissão da mulher: “só envelhece quem vive, disse o pai no dia do meu casamento. E porque viverás a vida do teu marido, nós te garantimos, através deste ato, que serás jovem para sempre” (Piñon, 2007, p. 152). Nesse discurso, percebe-se que à mulher não é garantido o direito de construir sua história, a própria biografia, mas há a recompensa que será *a eterna juventude*.

Em consonância com essa perspectiva, Simone de Beauvoir afirma que a passividade que caracteriza essencialmente a mulher ‘feminina’ é um traço que se desenvolve desde os seus primeiros anos. No entanto, é um erro pretender que se trata de um dado biológico, pois, na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. Diferente da educação dada aos meninos, os familiares ensinam, desde cedo, que a menina deve agradar, fazer-se objeto; deve, portanto, renunciar à sua autonomia:

Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino (Beauvoir, 2009, p. 376).

A condição feminina criada nesse sistema nefasto é denunciada pela narradora, que a coloca nos seguintes termos:

Eu não sabia como contornar o *júbilo* que me envolvia com o peso de um escudo, e ir ao seu coração, surpreender-lhe a limpidez. Ou *agradecer-lhe* um estado que eu não *ambicionara* antes, por distração talvez. E todo esse *troféu* logo na noite em que ia *converter-me em mulher*. Pois até então sussurravam-me que eu era uma bela expectativa. Diferente do irmão que já na pia batismal cravaram-lhe o glorioso estigma de homem, antes de ter dormido com uma mulher. Sempre me disseram que a alma da mulher surgia unicamente no leito, ungido seu sexo pelo homem (Piñon, 2007, p. 152).

Importante perceber que o discurso que está sendo exposto é o da instituição família, reiterando o binarismo de gênero quando o atrela às diferenças biológicas. Porém, a evidente ironia na voz da narradora põe em xeque tal construção. As palavras que destacamos no texto dizem o contrário do que a narradora pensa e denotam uma crítica ao discurso familiar. O pensamento da esfera familiar contradiz o proposto por Joan Scott (1995), que sugere que se perceba o gênero como categoria inacabada, modificada historicamente. Sendo assim, é possível que Nélide Piñon apresente essa construção familiar justamente para problematizar a interpretação cultural de gênero a que a mulher foi subjugada.

Percebe-se a influência familiar, que vê, no casamento, um destino do qual a mulher não pode fugir. Educada para o matrimônio, sua família inculca no seu imaginário um modelo de comportamento adequado à nova situação que a aguarda. Ironicamente, a narradora descreve a noite de núpcias:

Eu ansiava pelo novo corpo que me haviam prometido, abandonar a casca que me revestira no cotidiano acomodado. As mãos do meu marido me modelariam até os últimos dias e como

agradecer-lhe tal generosidade? Por isso sejamos tão felizes como podem ser duas criaturas em que apenas uma delas é a única a transportar para o lar alimento, esperança, a fé, a história de uma família (Piñon, 2007, p. 153).

Novamente, a narradora expõe sua visão do casamento que contraria aquela instruída por seus pais. Quando diz não saber como agradecer a generosidade de ser moldada pelas mãos do marido, ela está questionando esse poder atribuído a ele, e ainda reitera sua crítica ao denunciar a falsa felicidade que essa união lhe traz. A partir da denúncia das concepções estereotipadas do feminino, a narrativa parece direcionar-se para um processo de emancipação da personagem; entretanto, o que segue é uma confirmação de uma falsa consciência, como a narradora explicita: “assim fui aprendendo que a minha consciência, que está a serviço da minha felicidade, ao mesmo tempo está a serviço do meu marido” (Piñon, 2007, p. 154). A mulher insiste em silenciar-se, permitindo que o homem invente a história de uma família, falando por ela, transformando sua imagem e direcionando-lhe o destino:

Ele é o único a trazer-me a vida, ainda que às vezes eu viva com uma semana de atraso, o que não faz diferença. Levo até vantagens, porque ele sempre a trouxe traduzida. Não preciso interpretar os fatos, incorrer em erros, apelar para as palavras inquietantes que terminam por amordaçar a liberdade. As palavras do homem são aquelas que deverei precisar ao longo da vida. Não tenho que assimilar um vocabulário incompatível com o meu destino, capaz de arruinar meu casamento (Piñon, 2007, p. 153).

Dessa forma, averiguamos que a força da ideologia patriarcal está visivelmente introjetada no íntimo da personagem e, conseqüentemente, consegue sufocar qualquer possibilidade de resistência e mudança, já que é na passividade que a personagem vive. Embora sinta o desejo de se libertar, este desejo vem *sempre* acompanhado de culpa:

[...] contrita peço-lhe desculpas em pensamentos, prometo-lhe esquivar-me de tais tentações. Ele parece perdoar-me à distância, aplaude minha submissão ao cotidiano feliz que nos obriga a prosperar a cada ano. Confesso que esta ânsia me envergonha não sei como abrandá-la. Não a menciono senão para mim mesma (Piñon, 2007, p. 155).

Porém, a narrativa segue nesse jogo ambíguo de rebeldia e aceitação. As cenas que correspondem ao desejo de libertação associam-se à expressão ‘guerreira’:

Ah, quando me sinto guerreira, prestes a tomar das armas e ganhar um rosto que não é o meu orgulho, numa exaltação dourada, caminho pelas ruas sem endereço, como se a partir de mim, e através do meu esforço, eu devesse conquistar outra pátria, nova língua, um corpo que sugasse a vida sem medo e pudor. E tudo me treme dentro, os olhos que passam com um apetite de que não me envergonharei mais tarde (Piñon, 2007, p. 154).

Ela denomina esses momentos de ‘atos de um pássaro’ ou de ‘galopes perigosos’; essas imagens de voo ou de desbravamento remetem a um poder que advém do descobrimento do novo, da conquista individual, em que o corpo adquire proporções vitais: “um corpo que sugasse a vida sem medo e pudor” (Piñon, 2007, p. 154). Esses desejos ou tentações de liberdade não passam, entretanto, de sensações fugazes e indignas, pois funcionam como traição aos votos conjugais e à generosidade do marido, ou seja, a força do disciplinamento patriarcal logo a faz retornar à performance para a qual fora educada. Esses trechos revelam o quanto a protagonista, ao se intimidar perante as situações vividas, retarda sua emancipação.

A construção da personagem, marcada pela falsa ‘aceitação’ da dominação masculina, funciona como um artifício literário que dá visibilidade a essa construção social, para evidenciar os efeitos da dominação masculina sobre a identidade da mulher. Nesse sentido, em “I love my husband”, podemos afirmar que a linguagem patriarcal do senso comum, no que se refere à discriminação social da mulher, é questionada, por meio de um discurso irônico que desestabiliza a divisão de gêneros, ratificando que a identidade e a sexualidade feminina são construções sociais e, portanto, passíveis de transformação.

Apesar da personagem não conseguir transgredir essas construções sociais, pelo menos há um movimento que sugere uma mudança interior, conforme se percebe com o fato de, no início do conto, a narradora afirmar: “eu amo meu marido” (Piñon, 2007, p. 145), e sintomaticamente encerrar a narrativa dizendo em tom irônico: “ah, sim, eu amo meu marido” (Piñon, 2007, p. 156). Em última instância, o comportamento cognitivo da narradora torna-se subversivo, pois ela engendra nas brechas do discurso hegemônico, via ironia, alguns indícios de subversão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nélida Piñon, em “I love my husband”, aborda o universo feminino em seus mais íntimos conflitos, expondo o aparato de construção cultural e histórica sobre o masculino e o feminino, assim como a posição que os homens e as mulheres ocupam na cultura de seu tempo. A protagonista, logo de início, diz que a sua principal função no mundo é estar a serviço do marido, ficando a realização pessoal em último plano. Ela é submetida a viver como sombra do esposo sem mesmo ter o direito de viver sua sexualidade. Dependente financeiramente do marido, ela se vê enredada em um círculo fechado de possibilidades de construir sua verdadeira identidade. Desse modo, a narrativa explora os efeitos nocivos de tal constituição matrimonial

regida pelo modelo patriarcal e põe em evidência, por meio do discurso irônico da protagonista, como a pseudoaceitação de um modelo de abnegação é artificializada.

A análise que empreendemos pela ótica feminina e feminista permitiu, a partir do olhar crítico que Nélide Piñon lança sobre essa personagem, problematizar e repensar o feminino sob o escrutínio de diferentes discursos e formas de opressão social. Com a exposição desse contexto desfavorável à mulher, a autora inscreve as vias de transgressão a esse sistema, ou seja, a autora se ocupa do discurso hegemônico para desnaturalizá-lo, munida de uma linguagem questionadora, irônica e subversiva. A representação feminina apresentada neste conto desnaturaliza uma série de estereótipos que reduzem as mulheres a um padrão de feminilidade. Tal narrativa faz parte do seu projeto literário de ‘quebrar a sintaxe oficial’, pois, além de romper com o discurso oficial, com a fixidez dos gêneros, aponta direcionamentos na busca de mudanças e conquista de espaços mais igualitários dentro da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2003.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PIÑON, Nélide. I love my husband. In: \_\_\_\_\_. **Cortejo do divino e outros contos escolhidos**. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 145-156.

PIÑON, Nélide. **O calor das coisas**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez. 1995.

XAVIER, Elódia Carvalho Formiga (Org.). **Tudo no feminino: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

\_\_\_\_\_. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Mulheres, 2007.

*Recebido em: 03/02/2023*

*Aprovado em: 15/12/2023*

*Publicado em: 24/06/2024*



10.29281/r.decifrar.2024.1a\_10